

Situação Sociolinguística da Guiné-bissau

INCANHA INTUMBO

A nossa Guiné é um país de apenas 36.125 km² que, se subtraídas as partes inundadas temporária ou permanentemente não terá mais de 24.800 km² de área habitável (cf. René Pélissier 2001:31). Em contrapartida, é neste espaço que vivem e convivem cerca de 30 línguas e dialectos de povos africanos que para lá foram empurrados pelo poderoso Império do Mali, pelas campanhas de Koli Tenguela e por forças ainda não consensualmente determinadas.

As migrações internas por razões económicas e em consequência da colonização bem como a geografia do país também contribuíram para a parcelação étnico-linguística do país. Em média, por cada 40/50 km de estrada, atravessamos um rio e entramos num território linguístico ou dialectal diferente.

1. Tipo de Diglossia

Do ponto de vista linguístico, na Guiné-bissau prevalece a *triglossia*, “double overlapping diglossia” (Mkilifi 1978) ou diglossias sobrepostas, uma situação linguística semelhante à do Swahili e os seus vernáculos, as línguas africanas e o Inglês na Tanzânia.

No caso específico da Guiné-Bissau, trata-se de uma situação linguística que engloba, por um lado, uma intersecção entre situações de diglossia do crioulo guineense e as línguas africanas do país, por outro do português e o mesmo crioulo.

Sendo a língua H (high) a língua mais formal e associada ao maior prestígio e a L (low) a menos formal e de menor prestígio (Ferguson 1972; Fishman 1972) nas situações de diglossia citadas, no primeiro caso o crioulo corresponde a língua H e as línguas africanas correspondem a língua L; No segundo caso a língua L é o crioulo e o português corresponde à língua H.

2. Funções sociais – Domínio das línguas

2.1 As línguas africanas

A maior parte dos guineenses nasceu no seio de comunidades ou em famílias onde a língua L1 (língua materna) é uma língua africana. A aquisição desta neste caso fez-se por via informal, pela transmissão directa de pais para filhos.

São o elo de ligação entre os indivíduos da mesma comunidade étnica e são utilizadas no quotidiano das aldeias, na família e entre vizinhos e amigos, nas cerimónias tradicionais tais como casamentos, funerais e nos festivais tradicionais, nos actos religiosos animistas e também nos contactos entre os guineenses “urbanos” e com as suas comunidades rurais.

As igrejas Cristãs usam-nas nas suas reuniões e nos seus sermões e produzem manuais religiosos em algumas dessas línguas. Para isso tiveram de adoptar e adaptar a convenção gráfica do português europeu (escrita filo-portuguesa, Ferraro 1991).

Os políticos e os comerciantes das que trabalham ou contactam as zonas rurais usam-nas ou esforçam-se por o fazer, para invocar o espírito do grupo e/ou fidelizar o cliente. Esse uso não é exclusivo. O recurso ao crioulo é frequente.

Apesar de a questão do espírito do grupo, de identidade e da consciência que os guineenses ganham cada vez mais sobre a importância da sua cultura, a realidade é que as línguas africanas guineenses ocupam o lugar mais baixo, em termos de prestígio, na pirâmide das línguas nacionais.

Nos estabelecimentos de ensino formal não se encoraja o uso (em qualquer situação) das línguas africanas.

2.2 O crioulo guineense

É um crioulo de base lexical portuguesa, localmente conhecido por kriol, língua da “Guinendadi” (ser guineense) e da unidade nacional, língua materna de cerca de 100.000 guineenses e falada por outros 600.000 mil (cf. Grimes 1988). É a verdadeira língua franca do país. O contacto com o crioulo guineense acontece muito cedo, quando não é a língua L1 do falante. Em muitos casos a aquisição é feita simultaneamente com uma língua africana.

É usado no comércio, nos serviços públicos, no Parlamento, nos discursos políticos, na literatura informal e light (banda desenhada, cartoons satíricos e humorísticos, na poesia e nas composições musicais), nos programas de entretenimento e educativos da televisão e da rádio. Não existem jornais editados no crioulo guineense embora a maior parte das suas rubricas de humor contenham diálogos nesta língua.

Foi recentemente introduzido formalmente em algumas escolas, no âmbito de um projecto de ensino bilingue dirigido pelo padre e linguista Luigi Scantamburlo, no Arquipélago dos Bijagós, ao mesmo tempo que continua (?) o debate académico sobre uma convenção gráfica e ortográfica proposta pelo Ministério da Educação Nacional em 1981.

Durante muito tempo o crioulo guineense foi falado apenas nos principais centros urbanos. A independência do país em 1974 permitiu a sua expansão interna e a sua divulgação por entre a população devido ao fim das restrições de movimentos das pessoas e bens e às migrações internas para as cidades.

Em 1981 foi lançada uma proposta da convenção gráfica do crioulo guineense pelo Ministério da Educação Nacional no quadro de uma conferência sobre as línguas da Guiné-Bissau (Doneux e Rougé 1988:3); Trata-se de um sistema de escrita que, se por um lado representou um primeiro passo na abordagem da questão das línguas na Guiné de uma forma geral, do crioulo em particular, por outro lado e por se basear no princípio da correspondência unívoca um grafema um fonema, acaba por ter sérias limitações:

- alguns fonemas existentes no crioulo guineense e nas línguas africanas não têm grafemas correspondentes na proposta do alfabeto como lembrou Scantamburlo (1999:129), como por exemplo as oclusivas coarticuladas e as pré nasais;

- nenhuma ou deficiente explicação científica e exemplificada com as práticas dos falantes acompanha a convenção, para justificar as escolhas que se fizeram.

- os guineenses alfabetizados segundo a convenção gráfica e ortográfica do português europeu seriam obrigados a “realfabetizarem-se” segundo a nova convenção e teriam de mudar de convenção sempre que pretendessem escrever uma carta formal ou informal, numa ou noutra língua.

O crioulo ainda está em expansão, apesar de se verificar cada vez mais interferências do português (descruiolização) por um lado e das línguas africanas por outro, quer a nível morfo-sintáctico, quer a nível fonético-fonológico. Isto deve-se à forte pressão do português, por um lado, via comunicação social principalmente a televisão, via emigração para Portugal e ao aumento dos números e dos níveis de literacia com atitudes associadas ao prestígio; as interferências das línguas africanas devem-se a cada vez maior migração dos falantes dessas línguas para os principais centros urbanos.

Em baixo estão providenciados exemplos de frases de duas variedades de crioulo guineense possíveis em Bissau, diferenciadores do *crioulo guineense fundo* (basilectal) e do *crioulo guineense leve* (acrolectal):

1.CG basilectal N bin ba bu kasa ku nha fidju femia.

análise 1SG vir TMA 2SG casa com POSS filho femia

português lit. “Eu vim à tua casa com a minha filho fêmea”

português “A minha filha e eu estivemos na tua”.

“Estive na tua casa com a minha filha”.

2.CG acrolectal N steve na bu kasa ku nha filha.

análise 1SG estar TMA na 2SG casa com POSS filha

português “Estive na tua casa com a minha filha”.

O crioulo basilectal é normalmente falado pelas pessoas mais velhas ou com elas. O crioulo, normalmente sem flexão de género dos nomes, e sem flexão de tempo, modo e aspecto dos verbos (TMA), no acrolecto está a adquirir características do português (descruiolização).

Não obstante o estatuto de língua franca e o facto de a sua expansão ser cada vez maior, há problemas práticos que a sua adopção como única língua oficial do país acarretaria: a questão do alfabeto e das convenções da escrita (já referidas), a da bibliografia, e uma necessária realfabetização da população letrada segundo a convenção do português europeu, as relações internacionais do país, a ciência e o ensino, para citar apenas os principais. E é neste sentido que é do interesse de todos os guineenses que o seu estudo e conhecimento sejam aprofundados e que passe a fazer parte do plano de formação dos professores de línguas e nos primeiros anos do ensino oficial, aproveitando-se a experiência adquirida pela associação ASPEBI (com o padre Scantamburlo).

De facto, o crioulo guineense é uma língua regional falada por mais de 2 milhões de pessoas na Costa Ocidental da África (incluindo Guiné-Bissau, Cabo Verde e Senegal) e é uma das línguas mais faladas em Portugal.

2.3 Português

O Português é a língua oficial do país. Também é tida como a língua das elites e associada ao prestígio, a pessoas com um certo grau de escolaridade ou que vivem/viveram no exterior principalmente em Portugal ou ainda àquelas que convivem/conviveram de perto com os portugueses. Quase todos os guineenses falantes do crioulo compreendem-no.

Encoraja-se o seu uso nas Instituições e Serviços Públicos, é obrigatório nas escolas durante as aulas e é recomendado nos intervalos e em todas as outras situações formais; mais famílias urbanas adoptam-no como a sua língua doméstica. É igualmente a língua oficial dos noticiários na rádio e na televisão e das comunicações formais e oficiais do governo para o povo.

Entretanto, os guineenses que o dominam mais o crioulo empregam ou o crioulo ou o português raras vezes com o mesmo à vontade e nem sempre com o mesmo valor sócio-cultural.

Na emigração e em Portugal concretamente, onde se esperaria que a comunicação interguineense se fizesse em português poucos guineenses o fazem. É reservado normalmente para as situações formais ou em que um dos interlocutores seja um não-guineense ou, sendo guineense, não sabe o crioulo. Também se usa nos casos em que o grau das relações interpessoais e o “à vontade” entre os falantes o permitam.

Amílcar Cabral, artífice da Independência da República da Guiné-Bissau, prevendo os problemas linguísticos que o país enfrentaria após a independência alertou os guineenses para esta questão (Amílcar Cabral. 1990. A questão da língua. *Papia* 1 (2).59-61 Brasília – publicado postumamente):

“Temos de ter o sentido real da nossa cultura. O PORTUGUÊS (língua) É UMA DAS MELHORES COISAS QUE OS TUGAS NOS DEIXARAM, PORQUE A LÍNGUA NÃO É MAIS NADA, SENÃO UM INSTRUMENTO PARA OS HOMENS SE RELACIONAREM UNS COM OS OUTROS” ... “UM MEIO PARA FALAR, PARA EXPRESSAR AS REALIDADES DA VIDA E DO MUNDO.”²

(ÊNFASE MINHA)

Depois da independência assumiu-se o português como a língua oficial, da cultura, do ensino, da ciência e dos documentos oficiais. Recentemente, o Ministro da Justiça de um dos nossos muitos executivos disse, referindo-se aos documentos das leis regionais da UEMOA e da CEDEAO cuja versão em Português estava a ser posta a disposição dos magistrados e agentes judiciários guineenses:

“Agora temos estes documentos na nossa língua (o português) ”.

O baixo número de falantes do português na Guiné-Bissau pode ser uma das consequências da metodologia do ensino desta língua no nosso sistema, e com uma deficiente promoção da sua

aquisição nas escolas guineenses, o que acontece também na prática e informalmente com as línguas africanas e o crioulo (cf. Carol Benson 2003).

Durante muitos anos, o Centro Cultural Português em Bissau funcionou num dos anexos da Embaixada de Portugal, apesar de a sua biblioteca ser a mais procurada em toda a Guiné e das excelentes feiras dos livros organizadas pelo mesmo serem sempre muito procuradas. Os cursos de português administrados pelo Centro são sempre muito concorridos quer por estudantes guineenses, quer pelos professores e quer mesmo por quadros superiores que fizeram a sua formação universitária noutros países que não Portugal.

Apenas há uns anos (poucos) se começou a fazer alguns avanços, com a instalação do Instituto Camões em Bissau e a abertura de um curso de Licenciatura em Línguas e Literaturas, com uma variante de Estudos Portugueses.

“Nós... se queremos levar para a frente o nosso povo durante muito tempo ainda, para escrevermos, para avançarmos na ciência, a nossa língua tem que ser o português”.

...

“É a única coisa que podemos agradecer aos ‘tugas’, o facto de eles nos ter deixado a sua língua depois de nos ter roubado tanto na nossa terra”.

Ou seja, parafraseando Amílcar Cabral, a língua Portuguesa é o “canivete suíço da Guiné-Bissau”, a ferramenta indispensável para o presente e o futuro do país, nas suas relações com a ciência e com a comunidade internacional.

3. Conclusões

As línguas africanas, o crioulo guineense o português não são incompatíveis pois cada uma delas tem o seu domínio e a sua função social na Guiné Bissau. A ausência de uma política de planificação linguística efectiva, de uma reflexão sobre os constrangimentos da questão étnica e dos “ressentimentos” em relação ao colonialismo inibem os sucessivos governos de traçar um modelo eficiente de um estudo sobre as línguas, os hábitos e as práticas linguísticas dos guineenses.

A formação (inicial e contínua) dos professores de línguas é importante neste contexto. Além das questões técnicas, deveriam ser sensibilizados para a questão das línguas nacionais, do crioulo e do português.

A adesão da Guiné-bissau à CEDEAO e à UEMOA, conseqüentemente ao Franco CFA, a livre circulação de pessoas e bens nesse espaço e ainda o facto de ser um enclave da francofonia, não são problemas. Na minha opinião, são descontextualizadas e discutíveis as afirmações de uma ex-responsável do Instituto Internacional da Língua Portuguesa que dizia que “...na Guiné-Bissau e em Cabo Verde o uso do Português está a recuar”.

Há muitos factos novos a ter em conta e que permitem questionar essas afirmações: a adesão ao sistema do ensino formal cresce. Por exemplo em Bafatá, a taxa bruta de escolaridade subiu

de 31,6% em 1995 para 88,3% em 2004; as acções do Governo e dos Parceiros da Educação cresceram; a participação das comunidades locais na gestão dos estabelecimentos de ensino também cresceu (Marciano Silva Barbeiro, MEN, 08.2004).

A “procura” em relação à língua portuguesa cresce e o português é visto não só como uma ferramenta, mas como a ferramenta (na concepção de Amílcar Cabral) do país não apenas nas suas relações com o exterior, mas também no plano interno, nos documentos oficiais, no ensino, na ciência, na cultura e dentro das famílias guineenses.

Na verdade, o uso de outras línguas (Francês e Inglês) na imprensa escrita, na rádio e na televisão concretamente nos folhetos e nos *out doors* informativos e nos de publicidade e nos avisos de trabalhos na rua têm a ver com estratégias comerciais (destinatários das mensagens e poder de compra) mais do que com uma eventual concertação e ataque às línguas da Guiné, assumindo que o Português é também, para todos os efeitos, uma língua da Guiné.

Talvez seja neste espírito que o governo guineense aprovou o protocolo que altera o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa e que deveria ser ratificado pelo Parlamento guineense numa das suas sessões.

ABREVIATURAS

1SG 1 pessoa do singular

CG crioulo guineense

POSS possessivo

TMA marcador verbal de tempo, modo e aspecto

REFERÊNCIAS

Cabral, Amílcar. 1990. A questão da língua. *Papia* 1 (2).59-61. Brasília.

Couto, Hildo Honório do, 1994, *O Crioulo Português da Guiné-bissau - Hamburg* : Buske,1994;

Ethnologue, Languages of the World, 11th Edition, Barbara F. Grimes, Editor;

Fasold, R., 1984, *Sociolinguistic of Society*, London:Blackwell, cap 1 e 2;

Ferraro, Dionisio. 1991. O crioulo nas comunidades cristãs da Guiné-Bissau. *Papia* 1 (2), p. 118.

Ferguson, Charles, 1959, *Diglossia*, In Giglioli P. ed. (1972);

Fishman, Joshua, 1972, *The Sociology of Language*, In Coupland and Jaworksi eds (1997);

Handem, Diana Lima, 1986, *Nature et Fonctionnement du Pouvoir chez les Balanta Brassa*, INEP, Bissau, Guiné-bissau

Holm, John 2000, *An introduction to pidjins and creoles*. Cambridge. Cambridge University Press;

Kim, Alain 1994. Kriyol Syntax: The Portuguese-based creole language of Guinea Bissau. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins;

Papia, Revista de Crioulos de base Ibérica, Vol. 1, Nº 1, 1990, Artigo de Hildo Honório do Couto : Política e Planeamento linguístico na Guiné-Bissau e Amílcar Cabral, a Questão da Língua (pgs. 47-61);

René Pélissier, 2001: Histórias de Portugal, História da Guiné, Portugueses e Africanos na Senegâmbia 1841-1936, Vol I, 2ª Edição 2001, Edições Estampa;

Scantamburlo, 1999: Dicionário do Guineense Vol. I, Introdução e Notas Gramaticais, 1999, Edições Colibri * FASPEBI;

Simões, Landerset, 1935, Arte e Cultura dos Indígenas da Guiné, Prefácio de Norton de Matos;